

CARLOS RENATO R. DE JESUS
JOSÉ AMARANTE SANTOS SOBRINHO
VIVIAN GREGORES CARNEIRO LEÃO SIMÕES
(Orgs.)



ANAIS
I SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DO AMAZONAS:
“Cultura Clássica e Gramática Ocidental”
VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE LATIM



UEA

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

Anfiteatro Flávio (Coliseu) - Roma/Itália
Teatro Amazonas - Manaus/Brasil

I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas: “Cultura Clássica e Gramática Ocidental” & VI Encontro Nacional de Professores de Latim
(1.: 2017: Manaus, AM)

Anais da I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas”: Cultura Clássica e Gramática Ocidental” & VI Encontro Nacional de Professores de Latim/ I Semana de Estudos Clássicos do Amazonas”: Cultura Clássica e Gramática Ocidental” & VI Encontro Nacional de Professores de Latim, Manaus, 2016 (Brasil) – Documento eletrônico. – Manaus: Escola Normal Superior/UEA, 2016 – Modo de acesso:

ISBN: 978-85-7883-374-9

1. Estudos Clássicos. 2. Estudos Clássicos – Cultura e Gramática Ocidental. 3. Estudos Clássicos – Ensino. I. Título.

Estudos sobre a Muhuraida e suas matrizes árcades

Daniel Sicsú
(UEA – Fapeam)
danielsicsu@hotmail.com
Prof. Dr. Weberson Grizoste (Or.)

RESUMO: O texto intitulado “Estudos sobre a *Muhuraida* e suas matrizes árcades” é resultado de uma pesquisa de iniciação científica realizada no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), a qual visa exaltar as matrizes árcades do poema *Muhuraida*, de Henrique João Wilkens e justificar a junção da obra no cânone literário brasileiro, formando uma trilogia pré-indianista juntamente com os poemas *Caramuru*, de Santa Rita Durão e *O Uruguai*, de Basílio da Gama.

PALAVRAS-CHAVE: Muhuraida - Matrizes - Caramuru - O Uruguai - Cânone

INTRODUÇÃO

A conquista do território brasileiro sempre foi narrada sob uma perspectiva pacífica, em que o índio é colocado como um ser ingênuo, que precisa ser lapidado e catequizado para então ser salvo. Este artigo aborda essa conquista dos povos indígenas por meio de sua conversão ao cristianismo. Para tal, tem-se como foco estudar o poema *Muhuraida* ou *O Triunfo da Fé Na bem fundada Esperança da enteira Converção, e reconciliação da Grande, e feróz Nação do Gentio Muhúra*, de Henrique João Wilkens, o qual aborda essa conversão do chamado homem gentil a doutrina cristã como um fator preponderante da conquista portuguesa no Brasil.

Este estudo sobre a *Muhuraida* enaltece também suas matrizes árcades, as quais justificam sua adesão ao chamado cânone nacional. A partir disso, estabelece-se o poema como parte integrante da trilogia épica árcade brasileira ao lado de *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e *O Uruguai*, de Basílio da Gama. Para que esse estabelecimento da obra de Wilkens no cânone ocorra de fato, este artigo esmiúça as características de sua obra em paralelo as de Basílio da Gama e Santa Rita Durão, com o objetivo de mostrar suas diferenças e enaltecer o que faz do poema *Muhuraida* um integrante do cânone.

Vale ressaltar que *Caramuru* e *O Uruguai*, assim como *Muhuraida*, são datados do século XVIII e foram publicados pela Imprensa Régia Portuguesa. O poema de Wilkens, porém, ficou esquecido até o século XX, quando surgiu o primeiro estudo sobre ele.

Mesmo trazendo o índio como enfoque, *Muhuraida* não o trata como herói, diferentemente de *Caramuru* e *O Uruguai* que o fazem. Nesse sentido, a diferença de ênfase ao índio será percorrida ao longo dos capítulos, evidenciando o tratamento da figura indígena como

antagonista do indígena e o branco como o protagonista no texto de Wilkens, enquanto nos de Gama e Durão é posto como herói, o centro das narrativas.

Um ponto a ser ressaltado é a abordagem presente nas três obras. A *Muhuraida* é a exaltação das conquistas portuguesas em território brasileiro que foram alcançadas por meio da evangelização dos índios. *Caramuru* trata da inserção do homem branco no mundo dos índios para então conquistá-los. *O Uruguai*, por sua vez, fala da conquista dos índios por meio das guerras, exaltando o poderio bélico de Portugal frente aos indígenas.

Assim, este artigo mostrará as razões pelas quais o poema de Henrique João Wilkens deve ser colocado no mesmo patamar dos de Basílio da Gama e Santa Rita Durão, formando a trilogia épica árcade brasileira. Para isso, o trabalho terá discussões elencadas em quatro tópicos: no primeiro é discorrido sobre as matrizes árcades do poema *Muhuraida*; no segundo é uma análise sobre como as conquistas portuguesas são postas nos três poemas em questão; o terceiro o é uma abordagem sobre a visão acerca do homem americano; por último, o artigo faz uma abordagem sobre a canonicidade da *Muhuraida*.

MATRIZES ÁRCADES

A produção de obras poéticas árcades no Brasil iniciou no século XVIII, com o intuito de ser um contraposto à literatura Barroca, que prevaleceu no país nos séculos XVII e XVIII. Diferentemente das obras barrocas que prezavam por uma escrita recheada de paradoxos e metáforas, a linguagem implantada na literatura árcade, no século XVIII, visava uma produção mais simples, que resgataria os princípios da antiguidade propagados pelo renascimento.

Ao contrário da estética barroca que exaltava e valorizava ideais burgueses, o movimento árcade contrapunha-se aos ideais burgueses e exaltava a vida no campo. Nessa oposição, a cidade era posta como um lugar de perdição, enquanto o campo era tido como o lugar ideal para ser habitado. Diversos poetas são postos como ícones da estética árcade, mas exalta-se aqui Basílio da Gama e Santa Rita Durão com os poemas *O Uruguai* e *Caramuru*.

Tanto Basílio, quanto Santa Rita, são considerados pela crítica literária como os preconizadores da literatura indianista no Brasil. Isso porque seus poemas versam sobre a conquista de indígenas através do cristianismo. Vale ressaltar que o *Caramuru*, de Santa Rita, relata a inserção do homem branco no universo dos índios para então conquista-los no Nordeste, mais especificamente na Bahia; enquanto *O Uruguai*, de Basílio da Gama, também retrata a conquista do nativo, só que enfatizando na guerra entre índios e europeus na terra dos Sete Povos das Missões, atual região do Rio Grande do Sul, onde ocorre um genocídio dos nativos

para que as terras fossem conquistadas e fazendo valer assim o Tratado de Madri, que transferia a posse das terras da Espanha para Portugal.

Por serem considerados preconizadores da estética indianista na literatura brasileira, Durão e Gama tiveram reconhecimento da crítica literária e foram inseridos no cânone literário. Cereja (1995, p. 88), afirma que os dois poetas são considerados como ícones da poesia árcade porque apresentam o indianismo e a exotismo da paisagem no Brasil, além de legitimar o Império Lusitano na colônia. A temática indianista, de acordo com as colocações de Treece (apud WILKENS, 1993, p. 13), surgiu com o intuito de mostrar aos românticos que o tema tinha um grande potencial e era originalmente brasileiro.

Igualmente aos dois autores, Henrique João Wilkens, no poema *Muhuraida*, também exalta os aspectos acima citados. Fora isso, outro ponto em comum entre as três obras é o fato de as mesmas terem sido publicadas pela Imprensa Régia Portuguesa, a qual era responsável pela impressão de livros, jornais e panfletos desde 1808, quando a família real portuguesa instalou-se no Brasil.

Mesmo com tantas características em comum com os poemas de Basílio da Gama e Santa Rita Durão, a criação de Wilkens ficou mais de um século sem ser apresentada criticamente no Brasil (PÊGO, 2013). Segundo a autora, a *Muhuraida* demorou muito a ser publicada, pois foi composta em 1785, e publicada em 1819, 34 anos depois, em Lisboa. Pêgo considera que isso foi um fator preponderante para que o poema não tivesse evidência no cenário literário brasileiro, em vista que, quando foi feita a sua publicação, uma nova tendência literária estava surgindo na Europa e ganhando espaço: o Romantismo. Portanto, os poemas árcades começavam a ficar defasados. Ainda de acordo com Pêgo (Idem), somente depois do primeiro estudo sobre a obra de Wilkens em 1976, confeccionado por Mario Ypiranga Monteiro, que foi idealizada a publicação de uma nova edição, publicado em 1993 em Manaus, sob a responsabilidade da Biblioteca Nacional, Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Governo do Estado do Amazonas.

Fora a demora da sua publicação, outros fatores contribuíram para que o poema de Wilkens ficasse, de certa forma, escondido e esquecido pela crítica e público leitor de literatura brasileira. Bogéa (apud Treece, 2011) elenca alguns elementos que convergiram para que a *Muhuraida* não tivesse tanta repercussão como as obras *O Uruguai* e *Caramuru*. O autor coloca que há uma “[...] preocupação básica com um contexto estreitamente local e histórico e com a conjuntura operante de forças políticas e econômicas” (Idem, p. 137).

Portanto, de acordo com as colocações acima postas, a obra é restrita ao contexto amazônico, preocupando-se muito com a historicidade local, onde narra o processo de

conquista do povo Mura. Ainda segundo as colocações de Treece (in Bógea, 2011), aponta-se para a inexistência de elementos eróticos e amorosos no poema escrito por Wilkens. Este fator, então, foi essencial para que o poema ficasse esquecido, em vista que o mesmo narra essencialmente a colonização dos índios, frisando sempre a política colonizadora adotada por Marquês de Pombal na região amazônica.

Outro fator que deve ser evidenciado para explicar o porquê de a *Muhuraida* ter ficado na obscuridade por muito tempo é o seu caráter essencialmente religioso. Igualmente ao *Caramuru* e *O Uruguai*, o poema que versa sobre os muras também exalta a expulsão dos jesuítas, que deram lugar aos diretores de capitânicas designadas por Marquês de Pombal para colonizar e catequizar os povos nativos na colônia portuguesa. Sobre esse processo, Treece (in WILKENS, 1993, p. 14) comenta:

Não é nada acidental que o aparecimento do épico, forma narrativa comemorando os sucessos heroicos da história coletiva, tivesse coincidido com o último ciclo de desenvolvimento imperialista no Brasil, um projeto ambicioso no qual convergiram os grandes conflitos políticos e ideológicos da época.

O uso de narrativas épicas para exaltar as conquistas portuguesas no Brasil, conforme as colocações de Treece (Idem), foi uma estratégia para demonstrar o poder da colônia, tendo em vista que, mesmo com a expulsão dos integrantes da Sociedade de Jesus, o poder religioso ainda se fazia muito presente nas localidades habitadas por povos indígenas. Assim, o uso das obras seria uma forma de enaltecer a atuação das diretorias designadas pelo governo de Pombal junto aos povos indígenas, em vista que os mesmos estiveram, desde o descobrimento do Brasil, sob a tutela dos religiosos.

Tomando a *Muhuraida* como exemplo, fica evidente a importância dos poemas para evidenciar o trabalho desenvolvido nas capitânicas. O poema foi dedicado ao então governador do Estado do Grão-Pará, João Pereira Caldas, como pode-se ver na dedicatória. Igualmente ao poema sobre os Mura, Basílio da Gama, em *O Uruguai*, também dedicou sua obra a uma importante figura da colônia, que no caso foi o então Conde de Oeiras, nomeado no mesmo ano da publicação do poema (1769) como Marquês de Pombal. A dedicatória da *Muhuraida* e *O Uruguai* ao governador do Grão-Pará e ao primeiro ministro de Portugal, respectivamente, demonstra a clara intenção dos poemas de mostrar, por meio da literatura épica, o poder de Portugal e suas façanhas na colônia. Seguindo nesta linha, Grizoste classifica a obra *Muhuraida* como uma glorificação da política colonialista no Amazonas, que tirou o índio de seu estado

liberto e lhe tornou escravo, pois acreditava-se que os indígenas viveriam em um estado pagão, e o seu domínio seria considerado como tê-los colocado na luz, ou seja, no caminho cristão.

Ainda nesse contexto de dedicatórias, o único poema do que chamamos de trilogia árcade brasileira que não se encaixa no mesmo é o *Caramuru*, de Santa Rita Durão, em vista que o mesmo narra o processo de descobrimento e inserção do homem branco na Bahia, sem ser dedicado a Marquês de Pombal. Durão utiliza seu poema como uma espécie de homenagem e exaltação de Dom José, filho de Dom Pedro III e príncipe de Portugal, o qual é posto nos versos como o salvador do Brasil, aquele que seria o futuro rei de Portugal. É válido dizer que o enaltecimento do filho do então rei de Portugal não ocorre em forma de dedicatória, mas está inserido dentro no primeiro canto do poema.

Como dito acima, com a expulsão dos jesuítas, as diretorias designadas por Marquês de Pombal assumiram o papel de evangelizar os povos indígenas da colônia. As obras que compõem o que chamamos de trilogia árcade brasileira foram publicadas neste período de reformulação da colônia portuguesa na América do Sul e inauguraram a épica árcade brasileira que, por meio dos versos, versam sobre o índio brasileiro, a natureza e iniciam a chamada consciência nativista na colônia brasileira (CEREJA, 1995).

Apesar de terem na consciência nativista um ponto em comum, é importante frisar que *Caramuru*, *Muhuraida* e *O Uruguai* divergem em suas abordagens. O *Caramuru* versa sobre as aventuras do naufrago lusitano Diogo Álvares Correia na Bahia, além de valorizar a ação dos jesuítas com os indígenas. *A Muhuraida*, por sua vez, canta a política implementada pelo diretório escolhido pela coroa para colonizar e evangelizar o Amazonas, mais precisamente na região do Alto Solimões, habitada pelos Mura. Já *O Uruguai* narra o impasse entre os portugueses, indígenas e jesuítas, o qual resultou num genocídio dos nativos.

EXALTAÇÃO ÀS CONQUISTAS LUSITANAS

De diferentes pontos de vista, as obras que compõem a trilogia árcade brasileira versam sobre as conquistas lusitanas no território colonial. Enfocando na Amazônia, a *Muhuraida* narra o processo de colonização e evangelização dos índios na região do Alto Solimões, no Amazonas. Já o poema *Caramuru* versa sobre a conquista do índio na região nordestina, especificamente no Estado da Bahia. Por sua vez, *O Uruguai* trata sobre o processo de conquista e aniquilação dos indígenas na área denominada Terra das Setes Nações, denominada atualmente como o Estado do Rio Grande do Sul.

Ressalta-se que as obras que compõem o que chamamos de Trilogia Árcade Brasileira foram feitas com o intuito de exaltar as ações de colonização capitaneadas pela coroa

portuguesa sob o comando de Marquês de Pombal. Além de enaltecer isso, os poemas *Muhuraida* e *O Uruguai* depreciam as ações evangelizadoras e colonizadoras desenvolvidas na colônia portuguesa antes de a mesma ser comandada por Marquês de Pombal.

Na composição poética de Henrique João Wilkens a crítica ao modelo de evangelização e colonização dos jesuítas é evidente. A primeira evidência de que a composição poética é avessa ao jesuitismo encontra-se na dedicatória, que tem como destinatário o Capitão General e governador do Estado do Grão-Pará, João Pereira de Caldas, subordinado a Marquês de Pombal, que havia expulsado os jesuítas da colônia lusitana. Outro fator que pode ser observado diz respeito a como os mura são qualificados no poema, pois na terceira oitava do primeiro canto, o nativo é qualificado como ignorante, preso num mar de escuridão.

Mandai rayo da Luz, que comunica
A entendimento, acerto verdadeiro,
Espírito da Paz! que vivifica
A frouxa idea, e serve de roteiro
No Pelago das Trevas em que fica
O misero mortal, que em captiveiro
Da culpa, e da Ignorancia navegando
Sem voz, he certo, incauto hir naufragando

Ao tipificar o índio mura como um ser dominado pelas trevas, afundado na ignorância, Wilkens inicia seu poema criticando, mesmo que veladamente, a atuação dos jesuítas na região, em vista que os mesmos estavam no Brasil desde o século XVI (onde permaneceram até o século XVIII) com o propósito de evangelizar e dominar os índios, os quais eram considerados, desde o início da colonização, seres brutos e sem alma. A qualificação dos indígenas como tais é uma maneira de Henrique João Wilkens desconstruir todo o trabalho de evangelização e dominação feito na região pela Companhia de Jesus, em vista que as ações jesuíticas foram ineficazes e os índios continuaram, como é versado na terceira oitava do primeiro canto, presos ingenuamente na ignorância, que neste caso pode ser considerada como a ausência da graça divina.

Essa crítica à atuação da Companhia de Jesus no Amazonas até o século XVIII tinha o intuito de desmitificar tudo o que já havia sido feito na região, visando exaltar o processo de reordenação nas empreitadas colonizadoras e evangelizadoras alavancadas por Marquês de Pombal em território indígena em todo o Brasil. Essa questão é evidenciada n' *O Uruguai*, de Basílio da Gama, o qual versa sobre o procedimento de posse da terra dos Sete Povos das Missões, área que compreende atualmente o Estado do Rio Grande do Sul. O poema de Basílio narra a disputa entre índios, jesuítas e europeus na terra dos Sete Povos, que termina com a

dizimação dos indígenas que habitavam o território. Assim como na *Muhuraida* de Wilkens, Gama critica a atuação da Companhia de Jesus no sul do Brasil, como posto no excerto retirado do primeiro canto:

[...] Vós sois rebeldes,
Se não obedeceis; mas os rebeldes,
Eu sei que não sois vós, são os bons padres,
Que vos dizem a todos que sois livres,
E se servem de vós como de escravos.
Armados de orações vos põem no campo
Contra o fero trovão da artilheria,
Que os muros arrebatam; e se contentam
De ver de longe a guerra: sacrificam,
Avarentos do seu, o vosso sangue.
Eu quero à vossa vista despojá-los

Neste trecho, Basílio critica os jesuítas utilizando a figura do General Gomes Freire de Andrade, chefe do exército português na missão de retomada do território dos Sete Povos das Missões. Nos versos acima citados, o general diz aos índios que os missionários da Companhia de Jesus lhe faziam de escravos e que a ideia de liberdade não passava de ilusão. Além disso, o militar afirma que os religiosos usavam os nativos como escudo, em vista que eles quem lutariam na linha de frente para defender a ordem.

Remetendo às críticas feitas às ações desenvolvidas pela Companhia de Jesus na colônia, coloca-se aqui que Wilkens, nos versos *Muhuraida*, enaltece que essa ineficiência dos jesuítas na região amazônica refletia no próprio modo de vida dos nativos. No trecho do primeiro canto, posto abaixo, isso fica evidente.

Entre Naçoens imensas, que habitando
Estão a inculta Brenha, os Bosques, os Rios
Da doce liberdade disfructando
Os bens, os privilégios, e os desvios
Da sórdida avareza, e desprezando
Projectos de Ambição, todos impíos,
A barbara fereza, a ebriedade
Associáda se acha co'a liberdade.

Nesta estrofe, o Henrique João Wilkens qualifica mostra a ineficiência dos jesuítas no Amazonas, em vista que eles não conseguiram, no tempo em que estiveram com o controle da evangelização e colonização da região, modificar ao menos a forma como os índios nativos encaravam a vida. Segundo os versos acima postos, os muros continuavam sem nenhuma ambição por riqueza. Outro fator explicitado no trecho do poema é a caracterização dos nativos,

que mesmo com todas as ações de catequização, continuavam ferozes e alucinados, como classifica Wilkens.

Para contrapor esse insucesso dos jesuítas na região e elevar os diretórios, o poeta português rasga elogios e exalta a figura dos colonizadores/conquistadores da colônia em seus versos. Na estrofe V, do terceiro canto da *Muhuraida*, Wilkens enaltece de tal forma a figura do colonizador que chega a compará-lo com um deus:

E para que conheças as verdade
De tudo, que eu relato, vai correndo,
Vai logo; Ajunta os teus, com brevidade,
Veras, se he certo, o que te estou dizendo;
Vamos seguindo, em quanto há claridade,
O caminho da Aldea, em que vivendo
Tapuyas, como nos, mas satisfeitos,
A Leyy de hum Deos conhecem; Seus Preceitos.

A estrofe acima posta engrandece o diretor Mathias Fernandes, o qual é mencionado como o conquistador da Aldea, que antes de sua intervenção era um local onde os mura espalhavam a hostilidade e morte. Após a exaltação de Fernandes e das ações do diretório nas terras dominadas pelos nativos, Wilkens traça um panorama do que sucedeu a conquista do território na oitava VIII do mesmo canto.

Tereis nos Pôvos vossos numerózos
Abundantes Colheitas sazoadas,
Vereis nos Portos vossos ventajózos
Comercios florecer, e procuradas
Serão as Armas vossas: Poderózos
Emfim sereis, Amáda, invejadas
Serão vossas venturas; finalmente,
Podereis felices ser eternamente.

Sobre essas conquistas portuguesas na colônia é pertinente dizer que as mesmas seguem os princípios do fator modelo de Virgílio. Segundo Grizoste esse fator segue a premissa de que “[...] quanto maior a desgraça que sobrevier, maior será a grandeza” (GRIZOSTE, 2009, p. 07). Nos poemas de Henrique João Wilkens, Basílio da Gama e Santa Rita Durão esse modelo encontra-se no decorrer do confronto europeu x índio, que submete o nativo a morte, sofrimento etc. para então ser evangelizado e alcançar a salvação ou graça divina proclamada pela doutrina cristã, seguida pela Coroa.

Fora essa exaltação das conquistas lusitanas no Brasil no período da colonização, é fundamental fazer uma contextualização sobre os extermínios praticados pelos colonizadores. No texto denominado como *Poema Muhuraida, a “glória” do extermínio de uma nação*, Carlos

Antônio Guedelha destrincha todo o poema de Henrique João Wilkens e comprova que houve um verdadeiro genocídio nesse processo, que se assemelha ao narrado no poema *O Uruguai*, de Basílio da Gama. Guedelha é enfático ao dizer que o mura é qualificado como ladrões e vagabundos, enquanto o europeu colonizador assume o papel de vítima, que previne-se de todas as armadilhas forjadas pelos nativos na selva (GUEDELHA, 2012).

Corroborando com Guedelha, Eliane Pequeno afirma que a guerra travada contra os bravos índios foi uma das mais enfiurecidas no século XIX na região amazônica, levando em consideração que chegou-se a declarar abertamente o conflito nos *Autos da Devassa Contra os Índios Mura do Rio Madeira e Nações do Rio Tocantins*. Apesar do teor dos documentos, o imperador português Dom João VI não reconheceu a documentação, não autorizando a guerra contra os nativos. Pequeno diz que, mesmo com uma certa proteção do rei, os nativos ainda foram atacados por tropas coloniais e independentes, além de serem quase dizimados em decorrência de epidemias trazidas pelos europeus.

Nos poemas *Muhuraida*, *Caramuru* e *O Uruguai*, a figura do nativo brasileiro toma a forma de um ser demoníaco, que necessita ser domado para adaptar-se aos quereres dos europeus. Há uma inversão de valores nos poemas, porque os verdadeiros donos das terras da colônia (os índios) são caracterizados como vilões, enquanto os invasores (os europeus) são qualificados como mocinhos, os donos da verdade absoluta.

A VISÃO DO HOMEM AMERICANO

A tipificação do indígena como selvagem revela nos poemas a grande necessidade que os europeus tinham para dominá-los. Para tal, mostra-se nos poemas que utilizou-se como artifício a religião e o argumento de que eles necessitavam ser salvos de uma suposta dominação demoníaca para então terem a salvação divina ou a graça alcançada.

Nos poemas que foram objetos de análise deste estudo, nativo americano é classificado como ignorante, feroz, bárbaro, alucinado, miserando, bruto etc. Essa qualificação, tomando como base o que afirma Guedelha (2012), era uma estratégia de Wilkens, Gama e Durão para fazer uma relação de contraste entre os indígenas e os europeus. Com base nisso, o autor argumenta que o europeu tem sua imagem positivada, enquanto a do indígena é negativada.

É fundamental dizer aqui que nos objetos de análise deste estudo ocorre a introdução de uma temática indianista na literatura brasileira. Esse tipo de literatura lançada posteriormente à épica árcade tomava o nativo como um herói, um ser que representava a nacionalidade do país.

No caso da *Muhuraida*, *Caramuru* e *O Uruguai*, a figura do indígena é avessa a essa posta acima, por isso que são consideradas obras pré-indianista.

Diz-se pré-indianista porque foi a partir dessa literatura que notou-se toda a riqueza que havia por detrás das tradições nativas exaltadas nas obras que compõem o que chamaremos de trilogia épica árcade brasileira. Essa trilogia é composta pelos poemas analisados neste estudo: *Caramuru*, *Muhuraida* e *O Uruguai*. Essas obras poéticas versam sobre uma única temática (conquistas lusitanas na colônia) e possuem características como o enaltecimento da figura do europeu, adjetivação pejorativa dos nativos indígenas, depreciação das ações de colonização ocorridas na colônia antes da intervenção de Marquês de Pombal com os diretórios, dentre outras.

CANONICIDADE

Como foi exposto nas colocações acima feitas, os poemas *Caramuru*, *Muhuraida* e *O Uruguai* possuem características em comum, o que origina a trilogia épica árcade brasileira. Dentre essas características vale ressaltar a de que os mesmos abordam sobre o processo de conquista e dominação dos indígenas durante a colonização do Brasil.

Um ponto essencial a ser evidenciado diz respeito a publicação das três obras. Os poemas foram publicados pela Imprensa Régia Portuguesa, que foi criada em 1808 com o intuito de imprimir a legislação, documentos diplomáticos e quaisquer obras produzidas no reino Portugal. Frisa-se que a implantação da imprensa régia em território brasileiro manteve o controle e monopólio da coroa portuguesa sobre todo o material impresso produzido e publicado na colônia. Para que determinado material fosse impresso pela Imprensa Régia era necessário que o mesmo fosse submetido a uma análise minuciosa feita por uma comissão que verificava se nos impressos havia algo que fosse contra a coroa, a religião e os bons costumes. *Caramuru*, *Muhuraida* e *O Uruguai* passaram por esse processo de inspeção para então serem publicados pela tipografia.

Ainda que tenha passado por todos esses filtros, o *Muhuraida* não teve o reconhecimento devido e ficou esquecido pela crítica literária. Assim, ele foi excluído do cânone literário. Conforme Treece (apud WILKENS, 1993), o poema elaborado por Wilkens tinha todos os requisitos para ser reconhecido e estar em um mesmo patamar que *Caramuru* e *O Uruguai*. Ainda segundo o autor, um dos principais fatores para essa não-valorização é o ambiente narrado ao longo dos versos e estrofes do poema sobre os mura, pois a região amazônica era considerada no século XVIII como uma zona periférica no Brasil, ao contrário

das regiões nordeste e sul que são os ambientes onde se passa as ações do *Caramuru* e *O Uruguai*.

Uma questão que deve ser argumentado é o fato de que as obras da trilogia épica árcade brasileira têm uma pegada religiosa, não havendo elementos amorosos e eróticos que são de praxe ter em poemas épicos. Porém, na *Muhuraida* isso é mais forte, afinal ela versa de início ao fim sobre a brutalidade do indígena, a necessidade de sua conversão ao cristianismo e sua conversão. Por isso, talvez, que o poema não deve ter sido reconhecido, levando-se em conta que os outros dois também têm essa pegada que envolve questões religiosas, mas que não eram o ponto principal de suas narrativas. No *Caramuru*, por exemplo, a religiosidade tem o seu espaço, mas não é o foco principal da obra. N’o *Uragua*, idem, porque não toma a conversão dos índios ao cristianismo como temática principal.

A não-valorização e conseqüentemente a exclusão da *Muhuraida* do cânone literário brasileiro pode ter ocorrido devido a mudanças estéticas e conceituais do poema em relação aos outros dois. De forma geral, o cânone é um conjunto de obras que seguem um modelo padrão.

Para corroborar nessa discussão sobre a não-inserção do poema de Wilkens no cânone, explicita-se aqui as afirmativas de Harol Bloom, que evidencia a sua transformação em

[...] uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer se interprete a escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação, tradições de crítica, ou, [...] por autores que vieram depois e se sentem escolhidos por determinadas figuras ancestrais (BLOOM, 2010, p. 33).

A afirmativa acima deixa claro que para um texto ou obra ser parte do cânone literário não é necessário somente seguir um modelo preestabelecido. É preciso atender os requisitos impostos por grupos que dominam o meio literário para ter esse reconhecimento. Para Kothe (1997), devido às restrições e requisitos que uma obra deve atender para fazer parte de um grupo seletivo no campo literário, o cânone pode ser considerado segregador, pois desagrega a literatura clássica ao ter tantas exigências que são impostas nem tanto pelo público leitor, mas por um número reduzido de críticos e escritores. Ainda segundo o autor, algumas obras não têm o devido reconhecimento porque não aderem ao que o sistema exige, por isso ficam no esquecimento como a *Muhuraida*.

Kothe critica ferrenhamente essa desagregação que o cânone cria na literatura, e diz que por isso a literatura brasileira deixa de ser brasileira porque está preocupada mais em atender aos pressupostos europeus do que criar uma identidade própria. O autor diz que o cânone “[...] pretende ser o ideal da produção literária do país, aquilo que, em sua classicidade, deveria

representar todas as classes sociais e ser lido por todas as classes escolares [...] O pressuposto de que nesses textos está contido o maior valor artístico da produção literária nacional é uma ilusão, um engano e um engodo” (KOTHE, 1997, p. 107).

Correlacionando toda a argumentação acima posta, chega-se à conclusão de que *Muhuraida* deva sim estar no cânone literário brasileiro porque, igualmente aos outros dois poemas, exalta a conquista portuguesa no território amazônico e mostra a superioridade dos lusitanos frente aos nativos. Outro ponto que deve-se destacar é o fato de que, assim como *Caramuru* e *O Uruguai*, a *Muhuraida* traça o panorama de acontecimentos ocorridos durante esse processo de conquista do território, além de enaltecer os trabalhos feitos pelos diretórios designados pela Coroa Portuguesa e tecer críticas a colonização e catequização feitas pelos jesuítas antes da expulsão ordenada por Marquês de Pombal.

REFERÊNCIAS

- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- BÓGEA, José Arthur. «O Mura e a Musa». **Revista Passages de Paris** 6 (2011) p. 135-166.
- CEREJA, William Roberto. **Literatura brasileira: 2º grau**. São Paulo: Atual, 1995.
- DURÃO, Santa Rita. **Caramuru**. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- GAMA, Basílio da. **O Uruguai**, in TEIXEIRA, Ivan, **Obras poéticas de Basílio da Gama**. São Paulo, Edusp, 1996, 189-241.
- GRIZOSTE, Weberson Fernandes. **O Reflexo anti-épico de Virgílio no indianismo de Gonçalves Dias**. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra, 2009.
- GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. «Poema Muhuraida, a “glória” do extermínio de uma nação» **Revista Virtual de Letras (RevLet)** 1 (2012) p. 248-262.
- KOTHE, Flávio Rene. **O cânone colonial: ensaio**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- PÊGO, Tânia. «Muhuraida: entre a épica e a história, uma lição de nacionalismo». **Revista Alêre** 2 (2013) p. 153-176.
- WILKENS, Henrique João. **Muhuraida ou o triunfo da fé**. Manaus: Biblioteca Nacional/UFAM/Gov. AM, 1993.